

Apresentação

Em 2014, fomos convidados a preparar um dossiê sobre arte para esta revista. Essa oportunidade chegou em boa hora, já que recentemente havíamos formado um grupo de estudos, eu e alguns de meus alunos da graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná). Nós já nos encontrávamos com espantosa regularidade, quando lhes apresentei a proposta da confecção dos artigos, o que imediatamente os empolgou. Cada qual já vinha desenvolvendo despretenciosamente uma pequena pesquisa, ligada à Iniciação Científica ou ao Trabalho de Conclusão de Curso. Havíamos começado com a análise de alguns documentários, para em seguida realizarmos um debate sobre um texto do filósofo norte-americano Arthur Danto (1924-2013). Contudo, tivemos que acelerar o ritmo, assim que o convite chegou, afinal, agora tínhamos metas a cumprir. De tempos em tempos, cada um apresentava o andamento da pesquisa, materializando-o num pequeno texto que havia sido previamente orientado por mim. Então, o debatíamos junto aos demais componentes do grupo, nada longe do modo em que comumente se conduz um grupo de pesquisa na área de Ciências Humanas, contudo, é bom frisar que na área de artes essa prática é pouco explorada.

O que tínhamos em comum era o interesse por manifestações que têm ficado à margem do campo da arte erudita, para utilizar o linguajar do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). O questionamento

das categorias, dos limites da arte erudita, institucionalizada, era constante.

Francisco Benvenuto estudava os possíveis diálogos entre a tatuagem e a arte institucionalizada, incrementado por um pequeno apanhado cronológico sobre essa forma de intervenção corporal. João Wosch mergulhava no universo do personagem Chico Fumaça, do chargista paranaense Alceu Chichorro. O peruano José Tazza vivia o dilema do estrangeiro em terra estranha. Ele atuou por anos como artista de rua. Errante, viajou por diferentes lugares, posteriormente, já estabelecido no Brasil, tentava conciliar o autodidatismo com conceitos da arte institucionalizada dentro da Graduação em Pintura da Escola de Belas Artes. Lígia Barros, também da Pintura, vinda do Amazonas e estabelecida há poucos anos no Paraná, já tinha enfrentado um percurso admirável de luta para se firmar como artista profissional frente a um ambiente machista e por vezes hostil. Agora, mais madura e com vasta produção divulgada até no exterior, Lígia celebrava o diploma que em breve teria nas mãos. Ela finalizou o curso com uma pesquisa em que estabelece relações entre duas notórias artistas mulheres: a contemporânea Cindy Sherman (1954) e a destemida italiana Sofonisba Anguissola (1532-1625). Lígia expõe aqui na revista sua pesquisa. Ainda na mesma ocasião, André Malinski, que trabalhava na mais pomposa vitrine de arte do Paraná: o Museu Oscar Niemeyer, tinha travado recente contato com uma personagem curiosa e bem conhecida na capital do Estado: Efigênia Rolim (1931), uma artista popular, ex-carrinheira, que, em dado momento de sua vida, sofreu uma epifania convertendo-se

imediatamente numa artista performática paramentada com sucata. Era a primeira vez que Efigênia fora promovida a essa categoria, ela finalmente ganhava notoriedade no celebrado Museu, apesar de sua já longa carreira como artista de rua. André, Larissa e Paula foram enfeitiçados por Efigênia e resolveram estudar sua obra performática. O que foi perfeitamente compreensível, uma vez que houve quem dissesse que os melhores trabalhos de toda a prestigiada Bienal daquele ano eram os de Efigênia e não os de conceituados artistas, geralmente prestigiados em grandes mostras, que ali dividiram espaço com ela.

Serão então, com textos destes rapazes e moças, resultantes de suas pequenas pesquisas, porém exaustivas, que o leitor irá topa ao atrever-se a ler o dossiê. Boa leitura a todos!

Prof^a Dr^a Katiucya Perigo
Escola de Belas Artes da UNESPAR
Nov. 2015